

# FHC reforça diálogo com a oposição

*Ao discursar na solenidade de diplomação no TSE, presidente diz que encontro com Lula é apenas o começo da busca do debate*

Denise Rothenburg  
Da equipe do Correio

Ao receber ontem seu segundo diploma como presidente da República, Fernando Henrique Cardoso aproveitou para divulgar o estilo de governo com que pretende marcar o seu segundo mandato: Liberdade política e diálogo com as oposições. Ao discursar no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), deixou claro que o encontro com Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, na última quinta-feira, foi apenas o começo de um debate que ele pretende manter com os partidos oposicionistas em cada projeto, em cada programa governamental.

Diante do presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), de quase todo o ministério e do presidente do PMDB, Jader Barbalho, ele não titubeou: "O diálogo é essencial, a começar do que congrega as forças políticas. Quem governa deve fortalecer alianças pra que se assegurem rumos de política pública. Mas deve ouvir os adversários e as oposições, aceitar o debate, argumentar, descobrir pontos comuns e buscar, em cada ato, fazer o melhor e o mais legítimo", disse o presidente.

O discurso foi escrito pelo presidente na tarde de sexta-feira, dentro do avião presidencial que o levou até São Paulo. Aquela altura, ele já estava informado da ciúmeira dos aliados e das declarações de Leonel Brizola (PDT) contra o diálogo entre o governo e o PT de Lula. Por isso, assim que recebeu seu diploma das mãos do presidente do TSE, ministro Ilmar Galvão, fez questão de dizer que aquela solenidade encerrava o processo eleitoral.

Fernando Henrique disse ainda estar ciente de que a sua reeleição significa que "não há ilusões sobre as dificuldades que enfrentamos". Usou três vezes a expressão "liberdade política". As duas primeiras vezes foi ao se referir ao voto e às críticas sem constrangimentos (como as que recebeu de Lula). A terceira foi quanto à liberdade de atitude de um presidente diplomado: "A liberdade política, que se afirma solenemente neste ato, é condição necessária para a construção de futuro melhor".

Nessa linha de livre ação e diálogo, o presidente se referiu à união das forças políticas como necessária, mas foi taxativo: "Não a artifi-

cial, das construções retóricas. Queremos propósitos comuns, reais, vigorosos, que articulem projetos para o nosso futuro", disse. Segundo seus assessores, foi um recado direto àqueles que procuram o governo apenas interessados em cargos e não em discussão de projetos em benefício da população.

ACM, Temer e Barbalho levantaram-se para aplaudir a diplomação de Fernando Henrique e do vice-presidente Marco Maciel e o discurso. Uma das ausências notadas foi a do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), Celso de Melo, que mandou o ministro Marco Aurélio Mello para representá-lo.

De Brasília, estavam o líder do governo no Congresso, senador José Roberto Arruda (PSDB-DF), a deputada eleita Maria Abadia (PSDB), e outras personalidades, como o presidente da Associação Nacional dos Jornais e do Correio Braziliense, Paulo Cabral.

O governador Cristovam Buarque não compareceu e disse por que: "Sabia que me perguntariam sobre o encontro com Fernando Henrique. Como já disse, o encontro não foi meu. Foi do Lula e não quero falar a respeito. Por isso, preferi não comparecer", justificou.

Cristovam foi citado por Antônio Carlos, na saída da solenidade, ao responder a perguntas sobre a participação do PT no governo Fernando Henrique: "Quando o nome é bom, fica bem em qualquer posição".

## IRONIA

Tanto Antônio Carlos como Barbalho foram irônicos ao se referir aos contatos de Fernando Henrique com a oposição: "Acho ótimo ele conversar com as oposições. É bom para a democracia. Se isso resultar em que a baixa da inflação continua e juros baixos, acho ótimo", respondeu em tom de ironia. Perguntado pelas TVs sobre participação de Lula no governo, ACM alfinetou: "O único ministério que sei que vai ser criado é o da Defesa". Barbalho foi ainda mais irônico: "Depois do Lula, quem sabe não vamos ver o Brizola conversando com o presidente?"

Além da ironia, os dois têm ainda em comum a intenção de chegar a 2002 com candidato próprio. O PMDB já anunciou isso publicamente e ontem foi a vez de ACM, perguntado, dizer que "o PFL tem competência e, em 2002, estará lá disputando".

André Corrêa



Fernando Henrique e Ilmar Galvão: o presidente deixou claro que pretende dialogar para aumentar sua base de apoio